

Entrevista – Milton Hatoum

[reproduzimos aqui a entrevista concedida por MH, em 5-11-93, a nossa editora Aida Ramezã Hanania. No Cemoroc, foi publicada em nossa revista *Collatio* N. 6^(*) – Nota dos editores]

Milton Hatoum vem merecendo extraordinário reconhecimento por parte da crítica brasileira e internacional, a partir de seu *Relato de um certo Oriente* (S. Paulo, Cia. das Letras, 1989). Traduzido para diversas línguas, mais recentemente para o francês (*Récit d'un certain Orient*, Paris, Seuil, 1993), o *Relato* recupera, a partir da implícita subjetividade do autor, inesperadas dimensões de um Oriente, sempre instigante. Arquiteto e mestre em Letras pela Universidade de São Paulo, Milton Hatoum é professor de Língua e Literatura Francesa da Universidade do Amazonas.

Aida Hanania: Você nasceu no Brasil, mas até que ponto é brasileiro...?

Milton Hatoum: Antes de mais nada, a noção de pátria está relacionada com a língua e também com a infância. O que mais marca na vida de um escritor, talvez seja a paisagem da infância e a língua que ele fala.

Eu me lembro – a propósito do dilema: falar árabe ou falar português – de que minha mãe dizia que eu deveria falar português, porque a língua é a pátria. A brasilidade está presente na língua, mas não sei até que ponto está presente numa paisagem brasileira: porque não sei se se pode definir exatamente “paisagem brasileira” para quem é da Amazônia. A Amazônia não tem fronteiras; sim há uma delimitação de “fronteiras”, mas para nós não passam de fronteiras imaginárias. Que importa, para os índios yanomamis, por exemplo, se eles foram assassinados na Venezuela ou no lado brasileiro? Para os índios, o território, a terra deles não tem fronteiras...

E para todos nós, nascidos na Amazônia, a noção de terra sem fronteiras está muito presente... Porque é um horizonte vastíssimo, em que as línguas portuguesa e espanhola se interpenetram em algumas regiões, onde as nações indígenas também são bilíngues, às vezes políglotas (índios que falam tucano, espanhol, português...). Há um mosaico de grandes nações, de tribos dispersas; na verdade, cada vez mais dispersas...

Uma dessas pequenas tribos dispersas é a dos orientais; dos imigrantes que chegaram no início do século e que participaram da vida econômica da região. Aliás, os primeiros imigrantes foram para o Acre, para uma terra que não era ainda brasileira. Eu tenho pesquisado documentos sobre a Revolução Acreana e notei que alguns oficiais do exército brasileiro que combateram pela independência do Acre são de origem libanesa: há um Capitão Alexandre Farhat, um Cel. João Turco, persona-gens que pertencem à história do Acre e estão já presentes também na historiografia.

* Recolhendo-a de nossa “Revista de Estudos Árabes”, No.4, jul-dez 1994. A REA, dos mesmos editores, deu lugar a sua sucessora *Collatio*, quando da fundação do Cemoroc.

AH: Ainda é pouco estudada a presença árabe no Norte do Brasil; conhece-se mais o caso do Sul...

MH: Sim, porque o Norte é uma região muito isolada do Brasil: a selva nos separa; e essa sensação de isolamento radical é muito forte para quem nasceu e mora na Amazônia. Mas, ao mesmo tempo, a integração desses imigrantes com os brasileiros foi muito rápida; na minha família, por exemplo, a segunda geração já se casou com brasileiros. Não há uma comunidade árabe fechada.

AH: É numerosa a colônia árabe lá?

MH: É uma colônia bastante expressiva; por exemplo, no Acre, a rua principal de Rio Branco é toda ela habitada por árabes: da Síria, do Líbano... Eles vieram no início do século e lá permaneceram, não só na capital, mas em todo o Acre: Xapuri, Brasileia, Porto Acre (que é um vilarejo de algumas centenas de habitantes, onde se deu o combate final entre bolivianos e brasileiros)... Em Porto Acre, ouvi um relato de um filho de sírio, Muhammad Mamede Haruta, que contava interessantes histórias da família... São os *turcos de Manaus*. Contrariamente, os judeus – porque há muitos judeus da África do Norte, do Magreb, particularmente do Marrocos – ficaram nas grandes capitais.

AH: Como você classificaria, em parâmetros tradicionais, um livro tão original como o *Relato*? Memórias ou ficção? E, em que medida personagens e temática são reais?

MH: No *Relato* há um tom de confissão, é um texto de memória sem ser memorialístico, sem ser auto-biográfico; há, como é natural, elementos de minha vida e da vida familiar. Porque minha intenção, do ponto de vista da escritura, é ligar a história pessoal à história familiar: este é o meu projeto. Num certo momento de nossa vida, nossa história é também a história de nossa família e a de nosso país (com todas as limitações e delimitações que essa história suscite).

Memória? Com relação ao *Relato*, percebi que causou, talvez, para alguns leitores, uma certa estranheza, a estrutura de encaixes em que está vazado: vozes narrativas que se alternam... Mas, se a própria memória também é desse mesmo modo... O tempo narrativo, no livro, é um tempo fragmentário, que reproduz, de certa forma, a estrutura de funcionamento da memória: essa espécie de vertiginoso vaivém no tempo e no espaço. É precisamente essa correspondência que eu procurei imprimir à narrativa.

Uma auto-biografia nunca é verossímil, nunca é verdadeira... ela não é uma confissão de verdade. Todo relato auto-biográfico *entre aspas*, que se pretende auto-biográfico, tem uma dose de mentira, tem seu lado ficcional. É como se a linguagem friccionasse essa suposta verdade e daí surgisse a ficção, essa mentira que é a ficção... Tanto é assim que, para minha família, para pessoas próximas à família, o *Relato* é um texto de ficção: eles não se reconhecem; reconhecem-se em partes, sempre falta algo: o fio que conduz à verdade. Há, pois, essa fluidez, essa vontade de mentir: é o *menti vrai* de que fala Vargas Llosa em seus ensaios.

O mesmo se dá em relatos de viagens que, na verdade, têm um elemento ficcional muito forte. É, por exemplo, o caso de *Voyage en Orient* de Nerval: muitas passagens são inventadas; outras, ele fisionou de textos de outros viajantes... Assim, uma certa dose de ficção está presente até mesmo num relato de viagens, que se pretende relato de uma experiência pessoal, de encontro com uma sociedade, com uma cultura outra...

Ainda quanto a aspectos estruturais, devo dizer que pensei muito na estrutura das *Mil e Uma Noites*; pensei numa narradora, numa personagem feminina que contasse essa história... E isso, por várias razões – por razões de ordem meta-linguística, a referência a Sheharzade; e também pelo fato de a mulher na família árabe ser submissa (*aparentemente...*), mas, ao mesmo tempo, ser a detentora do segredo, de certos segredos da família...

AH: Seria esta a razão do título da edição alemã, *Emilie oder Tod in Manaus* (*Emilie ou morte em Manaus*), destacar a personagem feminina?

MH: De fato, os editores alemães decidiram destacar o nome da protagonista, também porque *Relato de um certo Oriente* não é um título sugestivo para o leitor alemão, como não o é para o leitor de língua inglesa: um título como *Account on a certain Easterner*, mais pareceria um relatório de viajante, de algum vendedor ambulante. Assim, a edição americana intitula-se *The Tree of the Seventh Heaven*, que recolhe uma frase do livro: a árvore do sétimo céu.

AH: Como surgiu em você o *Relato*?

MH: Por que um escritor escreve? Porque tem vontade de escrever, desejo de escrever. Uma necessidade de escrever que surge de uma falta, de uma ausência, como muitos autores já declararam... Para mim, a arte não é exatamente a vida, mas também não é exatamente a sua negação: isto é, ficamos num limbo. Eu, quando estava na Espanha, recebi uma notícia que me chocou – acentuada pelo drama da distância (eu já estava há quinze anos longe de Manaus) – a notícia da morte de meu avô, que era o narrador, oral, da minha infância. E isso provocou em mim o desejo de escrever sobre esse homem, cuja voz não mais existia; algo assim como a recuperação de uma voz que se foi...

Além disso, as outras lembranças da infância, os relatos dos mais velhos... Eu misturei vozes da família e vozes de outras pessoas, de libaneses, de judeus, amigos que moravam na Espanha e na França, que me contavam histórias do Marrocos, da Síria... é muito curioso: há vozes que não são da minha família, mas de outras *tribos*, de outros *clãs*.

A distância também me ajudou muito a escrever; o fato de estar longe do Brasil, muito longe de Manaus, permitiu-me escrever com mais liberdade. É claro que você pode escrever em qualquer lugar. Eu me lembro de um texto de Thomas Bernhard, que trata de um personagem que escreve na prisão e conta suas histórias para os amigos presidiários e, quando ele sai da prisão, não consegue mais escrever...

ARR: Tive o privilégio de acompanhar, em Paris, o lançamento do *Récit* e, ao mesmo tempo em que constatava a extraordinária receptividade da crítica e do público, perguntava-me até que ponto um europeu é capaz de compreender a peculiar realidade de um certo Brasil: imigrantes libaneses em Manaus...!

MH: Para o leitor europeu, o *Relato* faz o cruzamento do Oriente e Amazonas, dois mundos imagináveis e desejados, um pouco na perspectiva de Edward Said... Como os europeus no Século XVIII andavam em busca de suas origens, em busca do outro..., aquela sede do outro. Nessa linha, “conhecem” o Amazonas ou dele já ouviram falar...

Lembro-me de que era escritor residente numa cidade, na França, St. Nazaire (no Loire) e vi uma senhora que me reconheceu e começou a falar do Líbano e de Manaus (falava até da Ópera de Manaus...). Perguntei-lhe então, como conhecia tanto

a respeito do Líbano!? Ao que ela me respondeu: “A colonização nos ajudou a conhecer o mundo”. E, de fato, a colonização deu aos franceses ao menos a visão da geografia; já o americano, por exemplo, sequer sabia (como se constatou por ocasião da Guerra do Golfo) onde ficava o Iraque.

Por outro lado, enfrentamos uma pré-concepção do que seja Literatura Latinoamericana: os europeus tem um clichê à espera de um texto vindo da América Latina: como se qualquer livro latinoamericano tivesse que ter os mesmos ingredientes. E como fica então uma Clarice Lispector ou um João Cabral !?

Deve-se fazer um esforço para quebrar a correspondência que se estabelece entre Literatura e a imagem que se faz de um país.

ARRH: Sei que você esteve no Líbano recentemente. E, nessa visita, teve a oportunidade de *re-conhecer* o Líbano das histórias da infância? Que impressão o país lhe causou?

M.H: Reconheci muito pouco. Em Beirute, hoje tão devastada, nada. Só reconheci a família, ao mesmo tempo triste e nostálgica de seu país. Mas foi importante ter conversado com os parentes. Conheci cinquenta e dois parentes...! Soube que meu pai, na década de 20 ou 30, foi um dos três muçulmanos que estudaram no *Collège de la Sagesse*, graças ao Monsenhor Houaiss (parente de Antonio Houaiss), que é da mesma cidade de meu pai, *Burj al Barajne* (Torre das Torres). Essas conexões, esses laços foram muito significativos.

Já o interior do Líbano permanece mais ou menos intacto...

Depois de Beirute, fui a St. Nazaire. É uma cidade que foi inteiramente destruída na segunda guerra mundial. Então saí de uma cidade devastada para outra que tinha sido devastada também... Foi muito impressionante tanto Beirute como St. Nazaire: porque a linguagem da guerra é comum às duas cidades e o impacto sobre mim foi tão forte, que durante um tempo não consegui escrever...